

CRISE

Turismo emperra retoma económica nos países do sul

Portugal, Espanha, Itália e França foram os países da Zona Euro com maiores quebras no PIB no 2.º trimestre. Os dados indicam que o forte peso do turismo penaliza estas economias e tornará a retoma mais lenta.

Mário Cruz/Lusa



“

Aparentemente, os países mais afetados estão ligados ao turismo, são países em que o turismo tem mais peso.

ANTÓNIO DA ASCENSÃO COSTA
Economista e professor do ISEG

Os riscos são de que a recuperação a que assistamos, por efeitos de base, no terceiro trimestre, seja seguida de um mais lento crescimento no último trimestre do ano.

DEPARTAMENTO DE ESTUDOS
DO SANTANDER TOTTA

”

O Governo já equaciona um cenário de queda de 9% do PIB em 2020.

PEDRO CURVELO

pedrocurvelo@negocios.pt

Portugal viu o PIB sofrer uma queda inédita de 16,5% no segundo trimestre em termos homólogos. Entre os países para os quais já existem dados, apenas Espanha, Itália e França apresentaram números mais negros.

Em comum, estes países do sul da Europa têm não só o facto de terem sido dos mais atingidos pela pandemia em termos sanitários, mas também o considerável peso do turismo na riqueza gerada.

António da Ascensão Costa, economista e professor do ISEG, assinala isso mesmo em declarações ao Negócios. “Aparentemente, os países mais afetados estão ligados ao turismo, são países em que o turismo tem mais peso”, nota, ressaltando que existem “algumas variantes, nomeadamente as medidas de confinamento e de encerramento de atividades em cada um dos países”.

A Capital Economics partilha da mesma opinião num relatório divulgado na semana passada, onde destaca que o turismo pesa cerca de 7% de forma direta no PIB português, apenas atrás da Grécia (ligeiramente acima dos 8%). Em Espanha e Itália o peso é de cerca de 6% e em França em torno dos 4%.

Estes números aumentam substancialmente, segundo o World Travel and Tourism Council (WTTC) quando é agregado o peso das viagens e turismo: em Portugal pesa 16%, em Espanha 14%, em Itália cerca de 13% e em França aproximadamente 8%.

A Capital Economics antevê que o impacto da pandemia no turismo internacional afete particu-

larmente Grécia, Portugal e Espanha. E as restrições nas viagens para Portugal ainda em vigor em diversos países, em particular o Reino Unido, deverão causar um “rombo” considerável no turismo este verão, tradicionalmente a época alta para o setor.

“As restrições que persistem nas viagens vão pesar mais em termos de saldo externo. Era depois do terceiro trimestre, por exemplo, que a balança de pagamentos ficava positiva. E obviamente isso está fora de questão este ano”, sublinha António da Ascensão Costa.

Países mais atingidos são grandes parceiros comerciais
 Outro aspeto que pode influenciar a evolução da economia nacional é o facto de os três países com pior desempenho que Portugal serem importantes parceiros comerciais.

Espanha é o principal destino das exportações nacionais de bens, enquanto França é o segundo e relativamente à Alemanha, “que teve uma queda ligeiramente menos negativa [-11,7%], há uma interdependência grande da indústria portuguesa”, frisa o economista. Itália, considera, “é mais lateral”.

Por exemplo, na exportação de veículos automóveis a Alemanha é o principal destino (22,7% do total no primeiro semestre deste ano), e França, Itália e Espanha surgem logo atrás, representando estes três mercados 40,5% das exportações. E Espanha, Alemanha e França são os principais destinos da exportação de componentes automóveis, com um peso de 62%.

Confiança dos consumidores é fundamental

Outro aspeto da atual crise econó-

mica é o impacto mais pronunciado nas atividades que mais dependem da confiança dos consumidores, assinala o professor do ISEG.

“A construção não está mal e a indústria aparenta estar a recuperar, pelo menos em termos de indicadores qualitativos. O comércio a retalho é um bocadinho mais lento e os serviços são o pior. Os serviços têm recuperado lentamente”, diz.

16,5

QUEDA

A quebra homóloga de 16,5% do PIB no segundo trimestre é inédita em Portugal.

Em termos semestrais, a queda cifra-se em 9,4%.

Quebra anual à volta de 9%

Com os dados preliminar revelados sexta-feira pelo INE, “com uma quebra semestral de 9,4%”, António da Ascensão Costa aponta para uma contração “entre 8 a 10%” este ano, assumindo que não haja “mais problemas na frente sanitária”.

O departamento de estudos do Santander Totta mantém a previsão de uma quebra anual de 9,2% no PIB. “Não estamos a assumir uma 2.ª vaga, mas os riscos são de uma recuperação mais lenta, devido, também, ao setor do turismo”. “Os riscos são de que a recuperação a que assistamos, por efeitos de base, no terceiro trimestre, seja seguida de um mais lento crescimento no último trimestre do ano”, conclui o banco. ■